

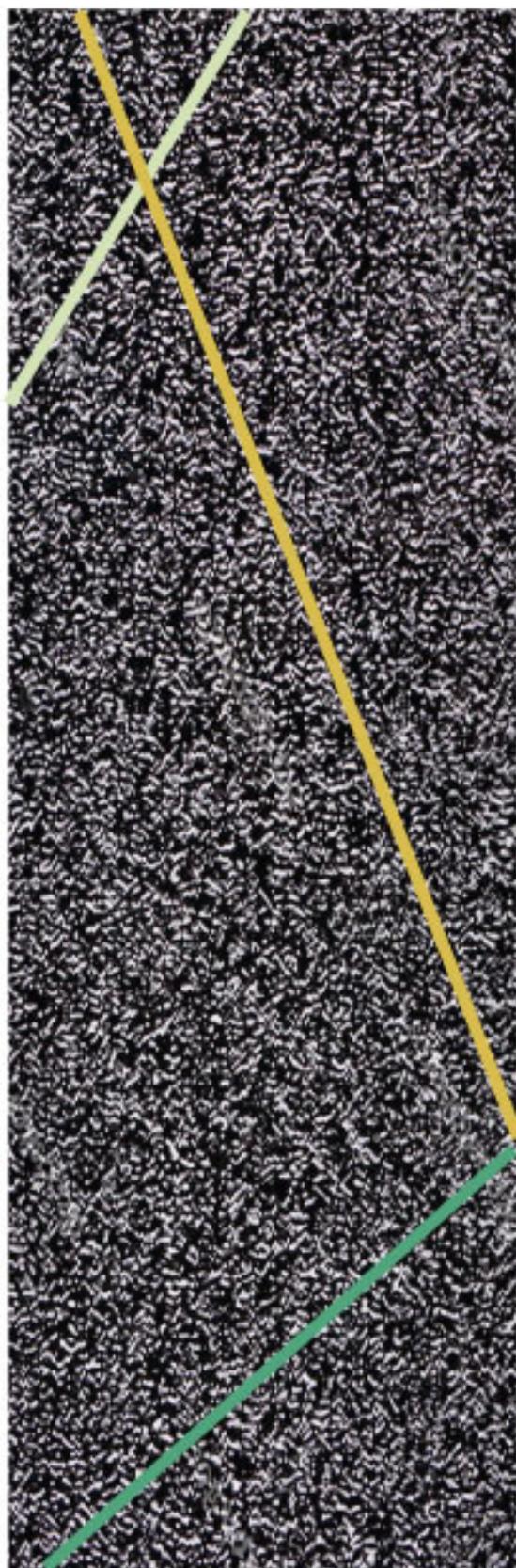


**INTEGRAÇÃO NACIONAL POR
ANTENAS DE TV E A TRANSMISSÃO
DO JORNAL NACIONAL PARA
CUIABÁ-MT (1976)**

NATIONAL INTEGRATION BY TV
ANTENNAS AND THE TELEVISION
BROADCAST OF THE "JORNAL
NACIONAL" TO CUIABÁ (1976)

Edvaldo Correa Sotana¹

¹ Doutor em História pela UNESP-Assis. Professor Associado do Departamento de História, Instituto de Geografia, História e Documentação (IGHD), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor do Programa de Pós-graduação em História e do Mestrado Profissional em Ensino de História (UFMT). E-mail: edsotana11@gmail.com



Resumo

Na década de 1960, os irmãos Eduardo, Nagib e Ueze Elias Zahran instalaram as três primeiras emissoras televisivas do estado de Mato Grosso. Em 1965, a TV Morena foi inaugurada em Campo Grande. Dois anos depois, a TV Centro América começou a funcionar, em fase experimental, em Cuiabá. Em fevereiro de 1969, a emissora cuiabana foi inaugurada. Na sequência, começou a funcionar a TV Cidade Branca, em Corumbá. Na década de 1970, diversas transformações ocorreram no meio televisivo cuiabano. Pontualmente, este artigo apresenta dados sobre a história da TV Centro América e seu processo de afiliação à Rede Globo para, assim, abordar a inserção do Jornal Nacional, em 1976, na grade de programação da emissora. De modo geral, discute-se o processo de integração nacional por meio de imagens televisivas durante a ditadura militar brasileira.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Televisão; Rede Globo; Jornal Nacional; TV Centro América.

Abstract

In the 1960s, brothers Eduardo, Nagib and Ueze Elias Zahran installed the first three television stations in the state of Mato Grosso. In 1965, TV Morena was opened in the Campo Grande. Two years later, experience with television started in Cuiabá and TV Centro América opened in 1969. After, TV Cidade Branca started broadcasting. In the 1970s, changes occurred on television in Cuiabá. Therefore, this article presents the history of TV Centro América and its partnership with TV Globo. Also, the television broadcast of Jornal Nacional. Still, this article study the national integration process on television during the Brazilian military dictatorship.

Keywords: Military Dictatorship; Television; Globo television; Jornal Nacional; TV Centro América.

² Outras ações foram realizadas na onda comemorativa, como uma festa para marcar os 50 anos do telejornal, em 1º de setembro de 2019, com a presença de apresentadores, repórteres de várias gerações, editores, produtores, repórteres cinematográficos e técnicos, bem como o lançamento do livro *JN: 50 anos de telejornalismo*.

Uma cena inusitada modificou o espaço de um tradicional centro comercial da cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. Nos dias 15 e 16 de novembro de 2019, uma réplica da bancada do Jornal Nacional (JN) foi instalada na praça de alimentação do Shopping Três Américas para os frequentadores brincarem de apresentar o programa global.

O espaço contou ainda com um telão e aparelhagem de som — equipamento utilizado para transmitir, ao vivo, a performance da jornalista Luzimar Collares como apresentadora do JN. Com 20 anos de experiência na TV Centro América, ela representou a emissora mato-grossense no rodízio realizado pela Globo, aos sábados, entre agosto e novembro de 2019, para apresentação desse telejornal. Assim, em 16 novembro, telespectadores cuiabanos assistiram à jornalista na bancada do JN com Filipe Toledo — alagoano que ganhou destaque nas redes sociais citando o músico Djavan no encerramento do programa. Desse modo, a TV Centro América participava da comemoração² dos 50 anos do Jornal Nacional.

A atuação de Luzimar Collares repercutiu na imprensa radiofônica local, nas páginas de jornais e nas redes sociais. Ela também recebeu homenagem na Câmara de Vereadores de Cuiabá. Em 21 de novembro, foi agraciada com uma moção de aplausos, aprovada por unanimidade no plenário, por indicação do vereador Dilmário Alencar, do Partido Republicano da Ordem Social (PROS).

A despeito da efeméride, importa lembrar que as imagens do Jornal Nacional não atingiam Cuiabá e região, ao vivo, em 1969. No fim da década de 1960, a TV Centro América não era uma afiliada à Rede Globo de Televisão. Além disso, não havia um sistema nacional de comunicações que possibilitasse a transmissão, ao vivo, de sons e imagens televisivas para todo o território nacional.

Essa situação foi modificada a partir das operações da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), com a construção de um sistema de comunicação via micro-ondas e a utilização de satélites para transmissão em rede. Nas décadas iniciais da história da televisão brasileira, as imagens

podiam ser captadas “num raio máximo de 100 quilômetros em torno do transmissor que gerava imagens” (PRIOLLI, 2000, p. 16). Porém, na passagem da década de 1960 para 1970, fronteiras foram rompidas pela imagem televisiva:

Esse **processo** ganhou enorme impulso a partir de 1969, quando o governo militar, por meio do Ministério das Comunicações e da Embratel, criados pouco antes, concluiu uma parte de seu projeto político de 'integração nacional' e inaugurou a Rede Básica de Microondas, interligando as diversas regiões do país por sistemas confiáveis de telefonia e transmissão de TV, rádio e dados. As micro-ondas permitiam a transmissão de programas ao vivo, em tempo real, para muitas cidades, tornando desnecessário o envio de fitas por avião ou outros meios (PRIOLLI, 2000, p. 19, grifo nosso).

A pesquisadora Cássia Rita Louro Palha (2008, p. 44) observou a necessidade de dimensionarmos a relação entre regime militar e o setor televisivo para entendermos a “proposta de modernidade do regime”, assentada na associação entre capitalismo monopolista dependente, exclusão da participação política e unificação cultural como “pano de fundo de um projeto de *Integração Nacional*”.

Partindo dessas considerações, propomos, com este artigo, apresentar dados sobre a história da TV Centro América e seu processo de afiliação à Rede Globo para, assim, abordarmos a inserção do Jornal Nacional, em 1976, na grade de programação da emissora. Além de contribuir pontualmente com a história da televisão brasileira, buscamos apontar um problema de pesquisa mais geral, qual seja: o processo de integração nacional por meio de imagens televisivas durante parte da ditadura militar brasileira.

O intuito não é tratar a história da TV em Mato Grosso como mero reflexo da trajetória das emissoras televisivas situadas no eixo Rio-São Paulo, mas, ao contrário, pontuar as especificidades locais e suas conexões com a escala nacional.³ Como alertou Áureo Busetto (2015, p. 12), devem-se considerar as “particularidades e imbricações de diferentes temporalidades e dinâmicas regionais, em termos de respostas e adequações ao que se pode chamar tendência mais geral ou nacional”⁴.

Com relação às fontes para a redação deste artigo, enfrentamos

³ Apesar de não ser o caso do presente artigo, importa lembrar a possibilidade de mirar a história da TV no Brasil em comparação com a história da TV em outros países, possibilitando pensar “trocas, intercâmbios e empréstimos” que matizaram diferentes experiências televisivas (BUSETTO, 2017, p. 119). Para informações sobre a proposta, consultar Áureo Busetto (2017).

⁴ Outro aspecto merece destaque: “O JN não é um ente com vontade própria. Suas ações decorrem não apenas de decisões editoriais, mas de orientações de natureza ideológica ou puramente mercantis” (REZENDE, 2011, p. 227).

⁵ Para uma discussão acerca das fontes para investigar a história da televisão em parte do Estado de Mato Grosso nas décadas de 1960 e 1970, consultar o texto de Sotana (2017).

um obstáculo já conhecido dos pesquisadores ocupados com a história do meio televisivo: as dificuldades de acesso aos documentos produzidos pelas emissoras ou a própria inexistência deles (BUSETTO, 2011). Como a TV Centro América não possui arquivo do período, foi necessário recorrer aos textos com reminiscências dos agentes que atuaram no meio televisivo e aos vestígios presentes nas páginas da imprensa escrita.⁵

Em tempo, deve-se registrar a existência de trabalhos acadêmicos que abordam os primeiros anos da emissora cuiabana. No seu mestrado em comunicação social, Adriana Azevedo Paes de Barros (1997) estudou o surgimento da primeira emissora de TV na cidade de Cuiabá. Ela buscou articular a história da TV Centro América com as mudanças ocorridas na cidade e com a conjuntura política peculiar do regime militar brasileiro. Forneceu importantes dados sobre a venda de aparelhos, a aquisição de equipamentos e a programação nos primeiros anos de existência da emissora. Por sua vez, Gladis Salette Linhares

Toniazzo (2007) procurou conhecer a gênese, o desenvolvimento e a consolidação da Rede Matogrossense de Televisão. Situou a fundação da TV Centro América e informou sobre o contrato de afiliação da Rede Matogrossense de Televisão à Rede Globo. Ambas não abordaram, porém, o objeto focado neste artigo.

Vale lembrar, igualmente, estudos ocupados, parcial ou integralmente, com a análise do Jornal Nacional numa chave histórica. São os casos, por exemplo, dos trabalhos de Carlos Eduardo Lins da Silva (1985), Antonio Alvaro Barbosa Sá (1992), Walter de Sousa Junior (2003), Mauro Porto (2005), Áureo Busetto (2006), Isabel Travancas (2007), Iluska Coutinho e Christina Musse (2012), Nuno Coimbra Mesquita (2008), Cássia Rita Louro Palha (2008) e Itania Maria Mota Gomes (2010). Poucas linhas, porém, foram dedicadas à transmissão do programa, via Embratel, para diferentes regiões do Brasil, notadamente para a região Centro-Oeste, durante a década de 1970.

Com relação ao estado de Mato Grosso e aos fundamentos

estruturantes do projeto de integração nacional nas décadas de 1960 e 1970⁶, tem-se os trabalhos de Vitale Joanoni Neto e Regina Beatriz Guimarães Neto (2017, 2019). Segundo observaram, os governos militares planejaram injeção de recursos financeiros na "Amazônia Legal" — porção territorial outrora instituída pela Lei 1.806, de 06 de janeiro de 1953, que abrangia o estado de Mato Grosso. Na década de 1970, o Programa de Integração Nacional (PIN) delineou recursos financeiros e concedeu incentivos fiscais para investimentos na referida região.⁷ É pertinente sublinhar, contudo, que a política de integração nacional se ancorava na "doutrina de segurança nacional", gestada num quadro de Guerra Fria e tendo o general Golbery do Couto e Silva como um dos seus principais expoentes (JOANONI NETO; GUIMARÃES NETO, 2017).

Jornal Nacional e o projeto de integração nacional

Num texto autobiográfico, Walter Clarck explica a consolidação da Rede Globo, na passagem da

década de 1960 para a década de 1970, como consequência da bem-sucedida operação em rede com outras emissoras televisivas. Assim consta em *O campeão de audiência*:

Enquanto as outras emissoras lutavam para resolver seus problemas de organização e sua relação complicada com as parceiras de outros estados, a Globo exibia uma imagem de integração, de coordenação, de modernidade. Era a única televisão efetivamente nacional, que se apresentava uniformemente para as diversas regiões do país. E era daí que vinha o seu poder (CLARCK, 1991, p. 217).

Segundo Clarck, a Globo começou a operar em rede em 1968, com a aquisição da TV Belo Horizonte e de alguns postos de micro-ondas que interligavam Rio de Janeiro, São Paulo e a capital mineira. Paralelamente, Roberto Marinho adquiriu um canal televisivo em Bauru e, a partir dali, obteve autorização para transmitir intervalos comerciais para as cidades vizinhas. No ano seguinte, a Globo começou a utilizar o sistema de micro-ondas da Embratel. Em decorrência do alto custo operacional, Clarck (1991, p. 212) lembra que a

⁶ Entre finais da década de 1930 e início dos anos 1940, o governo Getúlio Vargas colocou em prática um projeto de ocupação do chamado "Brasil Central". Vista como uma "obra patriótica", a Marcha para o Oeste objetivava promover a ocupação de regiões interioranas e contribuir para "edificação da nacionalidade" (LENHARO, 1986, p. 50). Neste contexto, tiveram início as "obras públicas" e a transformação urbana da cidade de Cuiabá (Cf. LION, 2016). Pouco se explorou, contudo, a utilização dos meios de comunicação, sobretudo do rádio, para a "integração" de Mato Grosso à nação. Antonio Carlos Silva (2004) produziu um fecundo exemplo de estudo que trata, dentre outros aspectos, dos expedientes mobilizados no Estado Novo para controle e usos do rádio no Brasil, apontando a programação da emissora cuiabana "A Voz do Oeste", nos anos 1940, com referências a Getúlio Vargas e a unidade nacional.

⁷ O Programa de Integração Nacional, Decreto-Lei nº 1.106, de 16 de abril de 1970, assinado pelo presidente Médici, regulamentou a busca de recursos financeiros externos para investimento em infraestrutura, sobretudo junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a United States Agency for International Development (USAID) (JOANONI NETO; GUIMARÃES, 2017). Em "nome da Segurança Nacional", o programa impactou profundamente no processo de ocupação fundiária da região e na construção de rodovias para ligar o Estado com outras regiões do país (Ibid., p. 156).

⁸ Além de indicar as atividades desenvolvidas por Walter Clarck na TV Rio, na segunda metade da década de 1950, Eduardo Amando de Barros Filho (2010, p. 41) sublinha: "Sob o comando de Léo Batista e Heron Domingues, era apresentado o principal noticiário da emissora, o Telejornal Pirelli. Findando o contrato com a Pirelli, o telejornal passou a se chamar Jornal Nacional, patrocinado pelo Banco Nacional – nome reutilizado pela TV Globo em 1969, quando lançou seu homônimo."

⁹ Em razão do escopo do presente texto, não será possível discutir, ainda que brevemente, o processo de constituição de outras redes televisivas durante a década de 1970. Interessante, por exemplo, é o caso de Silvío Santos, a atuação dos "Estúdios Silvío Santos de Cinema e Televisão" e os expedientes utilizados para constituição do Sistema Brasileiro de Televisão. Para maior informações, consultar Maria Celeste Mira (1994, p. 69-102).

emissora precisou "fazer mais dinheiro" expandido "a própria rede". Ponto alto da operação em rede foi, segundo Clarck, a estreia do Jornal Nacional⁸:

Esse esforço de expansão rápida da rede é que explica o surgimento do Jornal Nacional, em 1º de setembro de 1969, o primeiro programa em rede da televisão brasileira. Nós precisávamos de um programa diário, que entrasse ao vivo em vários estados, para estimular outras emissoras a se alinharem à Rede Globo. Com mais emissoras, podíamos oferecer aos nossos clientes a audiência de outras praças, cobrando mais caro por isso. E, obviamente, não havia nenhum programa de TV diário melhor para fazer essa integração nacional do que telejornal (CLARCK, 1991, p. 213).

Porém, escapam às lembranças de Walter Clarck alguns elementos centrais para entendermos o processo de consolidação da Rede Globo de Televisão, sobretudo que o sucesso da emissora "foi possível em grande parte ao êxito de sua parceria político-ideológica com o regime militar" (PALHA, 2008, p. 53). Clarck tampouco esclarece aspectos referentes à constituição de rede televisiva no processo de integração nacional proposto pelos militares.⁹

Deve-se observar, por exemplo, a posição do Ministério das Comunicações sobre a constituição da Rede Globo. Documentos ministeriais utilizados no trabalho produzido por Alzira Alves de Abreu (2002) sugerem embates entre o então ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira, e Roberto Marinho com referência à constituição de redes televisivas. Em julho de 1978, no gabinete do ministro Golbery, foi realizada audiência entre Quandt e Roberto Marinho, da qual também participou o ministro da Justiça, Armando Falcão:

O presidente da Rede Globo expôs todas as atividades que vinha realizando em radiodifusão comercial, teleducação e assistência social e falou do constante apoio que vinha dando ao governo. Declarou ainda que não vinha tendo apoio do Ministério das Comunicações, em especial da televisão. Afirmou, por fim, que precisava continuar a crescer, pois qualquer organização que deixa de crescer tende a declinar. O ministro expôs então sua política em relação à radiodifusão explorada pela iniciativa privada e pela televisão estruturada em redes nacionais. Essas redes, segundo ele, deviam ser estabelecidas em torno de um pequeno núcleo, de propriedade de um grupo, e as demais emissoras seriam a

ele afiliadas. Devia-se procurar certo equilíbrio entre duas ou três redes, para que nenhuma delas tivesse condições de exercer um monopólio virtual da audiência de televisão (ABREU, 2002, p. 154).

Não obstante, os governos militares tomavam a televisão como “estratégica” para promover “a integração nacional pela comunicação” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 113). O meio eletrônico contribuiu para legitimar “a política econômico-financeira do governo” e reforçar “os valores da coalização dominante no poder pós-64” (CAMPARELLI, 1982, p. 34).

Conforme Sérgio Augusto Soares Mattos (2002), as transformações na infraestrutura das telecomunicações e o aumento no número de concessões de canais visavam atender ao plano de integração e segurança nacionais.¹⁰ Gestado na Escola Superior de Guerra, esse projeto tinha como objetivos centrais: integração nacional; soberania; desenvolvimento, progresso e prosperidade nacional; democracia; integridade territorial; e paz social (MATTOS, 2002).

Wellington Amarante de Oliveira (2011, p. 116) ponderou que os

militares estabeleceram “uma estreita relação com os avanços das telecomunicações antes mesmo do golpe civil-militar de 1964”. Baseados na doutrina de segurança nacional, formulada nos anos iniciais da Guerra Fria, os militares enxergavam o setor de telecomunicações como “um elemento de integração nacional e, por isso, investiram de forma estratégica em seu desenvolvimento, consolidando o avanço da televisão no campo da comunicação social” (OLIVEIRA, 2011, p. 117).

Ao avaliar o papel dos meios de comunicação, notadamente da televisão, durante a ditadura militar brasileira, Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira (2001, p. 21) salientou:

A TV cumpriu um papel fundamental como elemento de coesão que se dá por afinidade, não por manipulação, contrariando o próprio papel que lhe fora designado na época. O sucesso no alcance da integração nacional, um dos objetivos expressos na Doutrina e fundamental para a consolidação do binômio — segurança e desenvolvimento — teve a televisão como ponto estratégico básico. Esta talvez tenha sido a empreitada mais bem-sucedida da ditadura brasileira.

¹⁰ É certo, porém, que devemos observar outros aspectos acerca da utilização da televisão durante a ditadura militar brasileira. É relevante, por exemplo, discutir os diferentes usos da TV no ensino e o (s) projeto (s) de TV educativa no período, equacionando, principalmente, o papel exercido pelo Estado brasileiro e a posição das emissoras televisivas comerciais. Para tanto, consultar os estudos de Eduardo Amando Barros Filho (2010 e 2017) e Wellington Amarante Oliveira (2011 e 2017).

Especificamente com relação às ações tomadas na década de 1960, Ana Paula Goulart Ribeiro e Igor Sacramento (2010, p. 113) ressaltaram:

Em 1965, a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) foi inaugurada e possibilitou, a partir de 1969, que as emissoras propagassem sua programação por micro-ondas. A Globo foi a primeira a utilizar o sistema. Em setembro de 1969, levou ao ar o 'Jornal Nacional', o primeiro programa televisivo transmitido em rede, graças à infraestrutura tecnológica fornecida pelo governo. (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 113).

Transmitido pelo tronco sul de micro-ondas para Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Brasília, o telejornal global estava em completa sintonia com a propaganda do regime militar e com o projeto de integração nacional pela televisão (TOSTES, 2013). Para alguns autores, o acontecimento marcou “o início do sistema de redes de televisão no Brasil” (BOLAÑO, 1988, p. 76).

Slogans como “um serviço de notícias integrando o Brasil novo”, “Dentro de instantes, para todos vocês, a grande escalada nacional de notícias”, “é o Brasil ao vivo na sua casa” e “a notícia

unindo 6 milhões de brasileiros” foram utilizados por Hilton Gomes e Cid Moreira para abertura e encerramento da primeira edição do JN, em 1º de setembro de 1969 (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 24-25).

Conforme Cássia Palha (2013, p. 134), a narrativa escolhida para a estreia do telejornal global representa o “marco na instauração de um projeto de identidade unívoca para o país, onde não cabia arestas para crises ou contradições”, mas apenas a “panaceia do patriotismo”.

Lançado para competir com o *Repórter Esso*, da TV Tupi, o telejornal era “parte estratégica” de um projeto conduzido por Walter Clarck e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho para transformar a Globo numa “rede de televisão”. Para tanto, era necessário “gerar uma programação uniforme para todo o país” e diminuir os “custos de produção” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 28).

Em 1970, a Globo iniciou a transmissão das telenovelas em rede (*Irmãos coragem* foi a primeira). Em 1971, a emissora criou seu Departamento de Pesquisa e Audiência. No ano

seguinte, *O Bem-amado* estreou como primeira telenovela a cores (HAMBURGER, 2005).

Em 1973, o *Jornal Nacional* passou a utilizar outro slogan: “Três anos de liderança integrando o Brasil através da notícia”. Apesar de produzida em cores, a nova vinheta chegava aos aparelhos receptores em preto e branco (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 34).

Assim, a Globo se tornou a “maior beneficiária dos recursos tecnológicos” implementados e cresceu em “proximidade com o regime” (HAMBURGER, 2005, p. 32). Certa aproximação da televisão brasileira com o regime militar “fica mais clara quando se têm por análise a programação” da Globo durante a década de 1970 (PALHA, 2013, p. 132). Um dos resultados desse processo, no plano cultural, é que “o país passou a compartilhar, via TV, uma determinada imagem do Brasil” (PRIOLLI, 2000, p. 19). O meio televisivo atuava, então, para

louvar as realizações da ditadura militar, do Brasil Potência do general Médici, cuja imagem destinada à história (apesar de ter sido o presidente do período mais obscurantista da história) é a do presidente-torcedor,

com radinho de pilha grudado na orelha, acompanhando transmissões esportivas e saudando a seleção tricampeã de futebol na volta do México (SIMÕES, 2000, p. 73).

Conforme Carlos Fico (1997, p. 110), a propaganda política do regime “coincidiu com a modernização dos meios de comunicação de massa no Brasil”. O autor demonstrou que a Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República (AERP) apostou no impacto da imagem em movimento para veicular propaganda positiva do regime militar na TV.

Mensagens de otimismo e confiança foram abundantemente veiculadas nos diferentes meios de comunicação. São exemplos: “Ninguém segura o Brasil”, no governo Médici, e “Este é um país que vai para frente”, no governo Geisel. Além do uso de diversas mídias, o governo militar tratou de “conceder 67 licenças para novas emissoras de TV em todo território nacional”. Ampliou, assim, o número de canais, visando propagar “anúncios que destacavam ‘os valores éticos-morais’” inerentes ao regime (SOUZA, 2011, p. 378).

¹¹ As dificuldades para transmissão televisiva para alguns quadrantes das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil ainda podem ser percebidas em pleno século XXI, com sugere o relato de Elvira Lobato (2017).

Havia, desse modo, um projeto de integração nacional via telecomunicações com vistas a “propiciar ampla cobertura do território nacional através de sinais de rádio e televisão e melhorar a cobertura de radiodifusão nas fronteiras”. Para tanto, o Ministério das Comunicações estabeleceu metas e prazos para implantação do Sistema de Microondas (CAMPARELLI, 1982, p. 62).

De acordo com Eugênio Bucci (1996, p. 16), esse projeto implementado na ditadura militar “alcançou êxito graças à televisão”, já que “espetou antenas em todo território brasileiro [...] e ofereceu infraestrutura para que o país fosse interligado. Integrado via Embratel. O resto do serviço foi executado pelas redes, com a Globo na primeira fila”.

Não obstante, o processo de integração nacional via imagens televisivas não ocorreu simultaneamente nas diferentes regiões do território brasileiro.¹¹ Noticiário veiculado pela imprensa cuiabana possibilita refletir acerca dos limites e dos obstáculos do projeto de integração nacional via Embratel. Embora tenha ocorrido

em 1976 a transmissão ao vivo do Jornal Nacional, em rede, da geração no Rio de Janeiro para a recepção em Cuiabá, a imprensa ressaltava que a completa integração do território nacional ocorreria, segundo previsão do Ministério das Comunicações, apenas em 1979. Em matéria publicada na página 4 da edição de 4 de abril de 1976, *O Estado de Mato Grosso* noticiou:

O Brasil terá seu satélite doméstico de comunicações em setembro de 1979. Com o novo sistema, todo território nacional poderá ser coberto pela retransmissão simultânea de até quatro programas de TV ou com a utilização de 3.756 canais para ligações telegráficas ou de telex; para transmissão de dados para computadores; para telefotos ou fac-similes; ou para a difusão de programas educativos ou culturais.

Além de destacar a capacidade, a matéria indicava a importância do projeto para as regiões Centro-Oeste e Norte:

O satélite completará, principalmente, o sistema de telecomunicações da Embratel na Amazônia e no Centro-Oeste. [...] No Brasil, cerca de 30 por cento da população vive numa faixa de 300 quilômetros de largura, junto ao litoral atlântico. A Amazônia e o Centro-Oeste tem menos de 15 por cento

da população brasileira. Mas algumas pequenas cidades — Benjamin Constant, Cruzeiro do Sul, Boa Vista, Lábrea ou Macapá — terão a possibilidade de ver programas de televisão (educativa ou comercial) via satélite e, também, sentirem-se mais integradas ao Brasil, como sentinelas avançadas da própria soberania nacional naquelas paragens perdidas da Amazônia (O ESTADO DE MATO GROSSO, 04 abr. 1976, p. 4).

As dificuldades para efetivar o projeto de integração nacional por meio de imagens televisivas persistiram nos meses seguintes. Intitulado “Cuiabá e o problema das comunicações”, um editorial do jornal *O Estado de Mato Grosso* (4 ago. 1976, p. 6) saudou a inauguração do sistema de micro-ondas montado pela empresa de Telecomunicações de Mato Grosso (Telemat), operadora de telefonia responsável por interligar as cidades de Rondonópolis, Cuiabá, Poconé e Cáceres. A despeito do avanço no setor de telefonia, o jornal asseverou: “a Capital Matogrossense continua com o seu crucial problema: o das comunicações”. Na sequência, acrescentou: “A televisão, vez por outra anuncia, na hora, a suspensão de determinado programa ‘ao

vivo’ porque a EMBRATEL não lhe deu som e imagem”. Solicitou, por fim, a solução de “todos os pontos de estrangulamento para melhoria das comunicações neste Estado” (O ESTADO DE MATO GROSSO, 04 ago. 1976, p. 6).

A TV Centro América e a transmissão do Jornal Nacional

Em outubro de 1965 foi outorgada a concessão que permitiu o funcionamento da TV Morena, em Campo Grande, à época estado de Mato Grosso. Dois anos depois, a TV Centro América começou a funcionar, em fase experimental, em Cuiabá, indo ao ar oficialmente em fevereiro de 1969. Em 1970, tiveram início as transmissões da TV Cidade Branca, em Corumbá, fronteira com a Bolívia. As três primeiras emissoras televisivas no estado de Mato Grosso foram fundadas pelos irmãos Eduardo, Nagib e Ueze Elias Zahran, empresários ligados à distribuição de gás, atuantes no ramo desde 1955 e detentores da empresa Copagaz (TONIAZZO, 2007; MARTINS, 1999; SOTANA, 2014 e 2019; SOARES, 2006 e 2011).

Em Cuiabá, os irmãos Zahran começaram a vender aparelhos televisivos como parte da estratégia para viabilizar a instalação da emissora. Com a arrecadação, adquiriram o terreno e iniciaram a construção dos estúdios. Adriana Paes de Barros (1997, p. 66) assim descreveu a comercialização dos aparelhos das marcas Philco e Empire:

Na assinatura do pedido (do aparelho de TV), dava-se uma entrada de aproximadamente CR\$ 1.000,00 (mil cruzeiros), essa importância financiou a compra do terreno para a construção do prédio e o número de compromissos assinados garantiu posteriormente a abertura da firma sociedade mercantil de propriedade de Eduardo Zahran para efetuar a entrega dos aparelhos, pois já existia uma estimativa de lucro das vendas que seriam feitas de acordo com os termos de compromisso assinados. Só depois que firmado o compromisso, é que os proprietários da emissora compraram os equipamentos de transmissão, prevendo o que iria faturar em Cuiabá.

Em novembro de 1967, a emissora iniciou uma transmissão experimental. Antonieta Ries Coelho, funcionária responsável pela implantação da TV Centro América, instalou um transmissor e

distribuiu 12 aparelhos receptores em diferentes pontos de Cuiabá e Várzea Grande. Participaram da transmissão experimental: Frederico Campos, prefeito de Cuiabá; Emanuel Pinheiro da Silva Primo, presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso; e Dom Orlando Chaves.

Em meados do ano seguinte, os estúdios foram inaugurados e equipamentos com maior potência começaram a funcionar:

A antena de 45 metros foi montada pela firma Sul América Eletrificações – ESPE. A potência do equipamento de transmissão era de 1 KW na antena, possibilitando emissão de imagem e som para captação a 120 Km em linha reta, atingindo Cuiabá, Chapada dos Guimarães, Acorizal, Santo Antônio do Leverger e Várzea Grande (BARROS, 1997, p. 88-89).

Em fevereiro de 1969, a TV Centro América foi oficialmente inaugurada, transformando-se na 38ª emissora do país. Para a primeira transmissão, foi realizado um show especial com artistas e músicos locais.

No primeiro ano de funcionamento, a emissora contou com programas provenientes das

TVs Record e Excelsior. Em 1970, passou a adquirir programação da TV Tupi (TONIAZZO, 2007). Além disso, veiculava produção própria. *Galeria de vultos ilustres, Educação e cultura, Pote, moringa e panela de barro, Agro-pecuária em foco, Esporte em desfile e Zoom* foram alguns dos programas produzidos e veiculados pela emissora. Também integrava sua grade de programação o telejornal *Canal 4*, filmes e telenovelas (BARROS, 1997). Apresentada às 19 horas entre março de 1970 e março de 1971, a telenovela *As pupilas do senhor Reitor* foi um sucesso: “o programa que alcançou o maior índice de audiência em toda a existência da emissora local de TV, segundo os próprios diretores” (O ESTADO DE MATO GROSSO, 20 mar. 1971, p. 8).

A partir de 1975, a programação da emissora sofreu modificação sensível. Como parte do grupo de emissoras pertencentes à família Zahran, a TV Centro América assinou contrato de afiliação à Rede Globo, realizando, segundo o jornal cuiabano, “uma troca interessante, da Rede Tupi para a Globo” (O ESTADO DE MATO

GROSSO, 26 jun. 1975, p. 3). Não há, contudo, mais apontamentos na bibliografia disponível sobre o processo de afiliação, apontado por Toniazzo (2007, p. 155), genericamente, como tendo ocorrido “por volta de 1976”. Tampouco consta “registro oficial” do início das retransmissões da Rede Globo para as emissoras do grupo Zahran (TONIAZZO, 2007). Importa lembrar, contudo, que a própria expansão da TV Globo ocorreu com “base na criação de uma vasta rede de afiliadas” (BOLAÑO, 1988, p. 109).¹²

Como emissora afiliada, a TV Centro América passou a transmitir, em princípios de 1976, o *Jornal Nacional*, via Embratel. Com 15 minutos de duração, as primeiras edições estavam claramente divididas em três partes dedicadas, respectivamente, aos assuntos locais, nacionais e internacionais. Na abertura, comumente eram exibidas imagens de personalidades brasileiras. Num cenário com fundo azul e as letras que denominavam o programa grafadas em amarelo, Cid Moreira e Hilton Gomes se alternaram na leitura das manchetes (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

¹² Esse processo não está relacionado apenas às regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil. Além das emissoras do grupo Zahran, no início dos anos 1970, emissoras de diferentes estados já firmavam contrato de afiliação com a Rede Globo de Televisão. Por exemplo, as emissoras paraenses TV Iguazu e TV Tibagi romperam seus contratos com a Record de São Paulo para, em março de 1972, assinarem acordo com a Rede Globo (COSTA, 2015).

Coube à imprensa cuiabana registrar de forma inusitada a estreia do telejornal. Em editorial publicado em 7 janeiro de 1976, na página 6, *O Estado de Mato Grosso* sublinhou a necessidade de combater a “maneira distorcida” com que órgãos da imprensa situada no eixo Rio-São Paulo “encaram” o estado de Mato Grosso. Intitulado “Uma nova imagem para Mato Grosso”, o texto conclamava os moradores a deixarem de pensar em termos locais – comportamento recorrente “devido ao isolamento antes existente pela falta de comunicações”. Lembrava, por exemplo, da novela *Um dia, o amor*, que apresentava “uma matogrossense como sendo uma selvagem” (transmissão suspensa pela TV Centro América) e do programa de Airton Rodrigues, que utilizava slides de Mato Grosso como sendo “beira de rio com muito mato”.

Reivindicando outra posição de autoridades e moradores do estado, referia-se, “com justificado orgulho”, o anúncio de que Mato Grosso “passava a receber imagens” do Jornal Nacional. Para celebrar, o telejornal veiculou

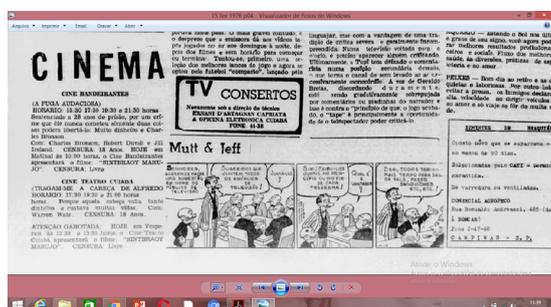
reportagem especial, detalhando uma nova riqueza do estado. Em 05 de janeiro de 1976, o programa global demonstrou o potencial de Mato Grosso para tornar-se o principal produtor de arroz do país – posição já ocupado no confinamento de gado. E concluiu: “Esta nova imagem de Mato Grosso depende de todos nós, que não podemos ficar calados diante dos absurdos que surgirem contra o nosso Estado” (*O ESTADO DE MATO GROSSO*, 07 jan. 1976, p. 6).

Embora tenha celebrado a recepção do programa da TV Globo, poucos dias depois, o mesmo jornal destacou seu próprio feito na busca pelo “furo” jornalístico em concorrência com a imagem via satélite:

A notícia sobre o sepultamento de Chu-En-Lai [primeiro-ministro da República Popular da China], em Pequim, foi dada por este jornal na manhã de quinta-feira e somente na noite do mesmo dia é que o JORNAL NACIONAL, da TV Globo, a retransmitiu pela TV CENTRO AMÉRICA. Os grandes jornais do país somente divulgaram a mesma notícia nas suas edições de sexta-feira, [...] O fuso horário nos beneficiou e “furamos”, como se diz em linguajar jornalístico, todos (*O ESTADO DE MATO GROSSO*, 17 jan. 1976, p. 6).

Os embates também apareciam de forma mais sutil. O tema dos anúncios aguçava a veia satírica e motivava a crítica veiculada na publicação imprensa, como, por exemplo, na tira de quadrinhos cômicos *Mutt & Jeff*:

Imagem 1 – Tira de quadrinhos cômicos *Mutt & Jeff*



Fonte: O Estado de Mato Grosso (15 fev. 1976, p. 4)

A sugestão dos telespectadores aos responsáveis pela TV consistia em exibição dos anúncios, em bloco, no princípio ou término de cada programa. Desse modo, os telespectadores teriam “mais tempo para sair da sala, fazer sanduíches, etc., etc.!” (O ESTADO DE MATO GROSSO, 15 fev. 1976, p. 4). O periódico reafirmou sua posição na matéria intitulada “O anúncio em jornal é mais eficiente”. No texto, sublinhou:

“Os anúncios em jornais são muito mais eficientes que os comerciais de televisão” (O ESTADO DE MATO GROSSO, 04 dez. 1976, p. 4).

Em que pesem as estocadas impressas na concorrência com a TV¹³, o próprio jornal pode ser utilizado para tecermos observações relativas à inserção do programa jornalístico na grade da emissora mato-grossense.

Nos primeiros dias de 1976, as telenovelas não antecediam ou sucediam a apresentação do Jornal Nacional. Por exemplo, em 20 de janeiro de 1976, às 18h15min, a emissora veiculava uma “faixa nobre” — denominação do período de 30 minutos reservado para transmissão de desenhos animados estrelados por “super-heróis”. Na sequência, colocava no ar o Jornal Nacional e, às 19 horas, tinha início o programa *Capitão Marvel* — no dia seguinte substituído pelo *Agente 86* (O ESTADO DE MATO GROSSO, 22 jan. 1976, p. 1). No sábado, a programação sofria alteração: após o Jornal Nacional foi exibido o último capítulo da novela intitulada *Helena* (O ESTADO DE MATO GROSSO, 24 jan. 1976, p. 4).

¹³ A preocupação em pensar a concorrência e a competição entre diferentes meios de comunicação social está baseada em alguns autores. Dentre eles, é importante consultar os trabalhos de Jeanneney (1996) e Busetto (2008).

A partir da semana seguinte, outros ajustes foram realizados na programação para a transmissão de uma telenovela iniciar logo após o término do jornal, como bem ilustra a estreia de *O noviço* (O ESTADO DE MATO GROSSO, 27 jan. 1976, p. 4). Duas semanas depois, *O noviço* passou a anteceder o programa noticioso e, no seu lugar, estreou *Anjo mau* (O ESTADO DE MATO GROSSO, 13 fev. 1976, p. 4).

Contudo, a fórmula posteriormente consagrada (novela-jornal-novela) continuou a sofrer ajustes nos meses seguintes. Em abril, o desenho *Tom & Jerry* foi veiculado entre o final do jornal e o início de *Anjo mau* (O ESTADO DE MATO GROSSO, 15 abr. 1976, p. 4). Nos meses seguintes, o desenho antecedeu o programa jornalístico (O ESTADO DE MATO GROSSO, 07 nov. 1976, p. 4).

Em outros momentos, o jornal era atração do intervalo das partidas de futebol. Foi o caso, por exemplo, da sua veiculação em meio ao jogo entre as seleções brasileira e espanhola (O ESTADO DE MATO GROSSO, 07 nov. 1976, p. 4).

Já em dezembro de 1976, a novela *Escrava Isaura* passou a

ser veiculada às 17h45min, o JN às 18h10min, a Agência Nacional às 19 horas e a novela *Estúpido cúpido* às 19h20min (O ESTADO DE MATO GROSSO, 29 dez. 1976, p. 4).

Portanto, durante o primeiro ano de transmissão, não foi estabelecido um padrão na grade de programação local para evidenciar o Jornal Nacional. Tampouco foi aplicada a conhecida fórmula novela-jornal-novela. Além disso, a imprensa escrita local procurava evidenciar seus trunfos na concorrência com o programa televisivo global. É necessário, igualmente, situar a transmissão do programa, em rede, como parte do projeto de integração nacional dos governos militares, sem, contudo, desconsiderar os interesses e planos dos próprios proprietários da emissora, bem como a dinâmica econômica local. Não menos importante, que outros estudos procurem precisar, com base em dados e elementos históricos, o alcance, os limites e as consequências das transmissões da Rede Globo, via satélite, para a região Centro-Oeste do Brasil durante a década de 1970. Que

matizem, inclusive, os múltiplos ritmos de implantação de emissoras televisivas e infraestrutura para transmissão de som e imagem nas diferentes porções do território nacional.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. As telecomunicações no Brasil sob a ótica do governo Geisel. In: CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, Maria Celina (org.). **Dossiê Geisel**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 149-158.

BARROS, Adriana Azevedo Paes de. **Da televisão no Brasil ao televisinho em Cuiabá**: aspectos históricos e a influência na Cuiabá dos anos 70. Cuiabá: Studio Press & Multicolor Editores Associados, 1997.

BARROS FILHO, Eduardo Amando. **Por uma televisão cultural-educativa e pública**: a TV Cultura de São Paulo, 1960-1974. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

_____. **A televisão educativa sob medida para o governo militar**: a Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa, 1964-1981. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

BOLAÑO, César. **Mercado brasileiro de televisão**. Aracaju: Proex/Cecac/Programa Editorial, 1988.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1996.

BUSETTO, Áureo. Está entrando na sala de aula o Jornal Nacional: perspectivas para uma prática didática do ensino sobre a TV. In: PINHO, S. Z. de; SAGLIETTI, J. R. C. (org.). **Núcleos de ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. v.1, p. 677-695.

_____. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org.). **Dimensões da política na historiografia**. Campinas: Pontes, 2008. p. 9-23.

_____. Imagens em alta indefinição: produção televisiva nos estudos históricos. In: GAWRYSZEWSKI, Aberto (org.). **Imagens em debate**. Londrina: Eduel, 2011. p. 161-177.

_____. Apresentação. In.: COSTA, Osmani Ferreira da. **Televisão e política: uma história dos canais e redes de TV no Paraná (1954-1985)**. Londrina: Eduel, 2015.

_____. Por uma mirada internacional na história da TV no Brasil. _____ (Org.). **História plugada e antenada: estudos históricos sobre mídias eletrônicas no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017, p. 117-125.

CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

CLARCK, Walter. **Campeão de audiência: uma autobiografia**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

COSTA, Osmani Ferreira da. **Televisão e política: uma história dos canais e redes de TV no Paraná (1954-1985)**. Londrina: Eduel, 2015.

COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina. Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional. **Alterjor**, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2012.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

GOMES, Itania Maria Mota. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar. **Famecos**, v. 7, n. 2, p. 5-14, 2010.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado**: a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JEANNENEY, Jean- Noël. **Uma história da comunicação social**. Lisboa: Terramar, 1996.

JOANONI NETO, Vitale; GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. A Amazônia e a política de integração nacional: o discurso da modernização entre o passado e o presente. **Diálogos Latinoamericanos**, v. 26, p. 144-156, 2017.

_____; _____. Amazônia: políticas governamentais, práticas de 'colonização' e controle do território na ditadura militar (1964-85). **Anuario IEHS**, n. 34, p. 99-122, 2019.

LENHARO, Alcir. A terra para quem nela não trabalha: a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50. **Revista Brasileira de História**. v.6. n. 12. p. 47-64. Mar/ago. 1986.

LION, Antonio Ricardo Calori de. **Equipamentos cineteatrais**: usos e simbolizações de espaços culturais nas capitais centro-oestinas no Estado Novo. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

LOBATO, Elvira. **Antenas da Floresta**: a saga das TVS na Amazônia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

MARTINS, Gerson Luiz. **O poder na indústria midiática de Mato Grosso do Sul**. Tese (Doutorado em Ciências de Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **JN**: 50 anos de telejornalismo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MESQUITA, Nuno Coimbra. **Mídia e democracia no Brasil**: Jornal Nacional, crise política e confiança nas instituições. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MIRA, Maria Celeste. **Circo eletrônico**: Silvio Santos e o SBT. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

OLIVEIRA, Wellington Amarante. Uma breve história do ensino na TV brasileira durante o regime militar (1964-1979). **História Social**, n. 20, p. 111-139, 2011.

_____. **Telecurso 2º grau**: paradigma no ensino pela TV e legitimação política da Rede Globo, 1978-1981. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

_____. **Muito além do conhecimento**: a TV Educativa na França e no Brasil. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. **“Nossos comerciais, por favor!”**: a televisão brasileira e a Escola Superior de Guerra – o caso Flávio Cavalcanti. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.

PALHA, Cássia Rita Louro. **A Rede Globo e o seu repórter**: imagens políticas de Teodorico a Cardoso. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

_____. Telejornalismo e formação de consenso: o repórter, 'o caçador de marajás' e o dito 'Estado parasitário'. **História e Perspectivas**, Uberlândia. n. 48, 127-154, jan./jun. 2013

PORTO, Mauro. The principle of diversity in journalism: Jornal Nacional and political deliberation in Brazil. **Brazilian Journalism and Research**, v. 1, n. 1, p. 135-153, 2005.

PRIOLLI, Gabriel. Antenas da brasilidade. In: BUCCHI, Eugênio (org.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000. p. 13-24.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Todos estão de olho no telejornal nacional. In: MELLO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina (org.). **Televisão na América Latina (1950-2010): pioneirismo, ousadia, inventividade**. São Bernardo do Campo: Unesco/ Metodista, 2011. p. 227-250.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. A renovação estética da TV. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 109-136.

SÁ, Antonio Alvaro Barbosa. **Jornal Nacional: política e ideologia**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

SILVA, Antonio Carlos. **Vozes do Oeste: a radiodifusão cuiabana entre a antena e a lei (1939-1949)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico**. São Paulo: Summus, 1985.

SIMÕES, Inimá. Nunca fui santa (episódios de censura e autocensura). In: BUCCI, Eugênio (org.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000. p. 65-94.

SOARES, Marcelo Vicente Câncio. As emissoras, os jornalistas e os telejornais. In: **Anais do IV Encontro Nacional de História da Mídia**, 2006, São Luiz. CD do IV Encontro Nacional de História da Mídia, 2006.

_____. **Televisão fronteira**: TV e telejornalismo na fronteira do Brasil e Paraguai. Campo Grande: Editora da UFMS, 2011.

SOTANA, Edvaldo Correa. A TV Morena em páginas impressas: vestígios do noticiário sobre a chegada da televisão no estado de Mato Grosso. **História Revista**, v. 23, n. 2, p. 115 - 136, 2019.

_____. Integração nacional, política e emissoras televisivas nos primeiros anos do regime militar: apontamentos sobre o surgimento da TV Morena. In: FERNÁNDEZ, Jorge Christian; MUSSI, Vanderléia Paes Leite; QUEIRÓZ, Vivina Dias Sol (org.). **1964, cinquenta anos: descomemorando a(s) ditadura(s) de segurança nacional sob a mira crítica da história e da educação**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2014. p. 99-120.

_____. Emissoras televisivas de Campo Grande-MS: alguns apontamentos sobre fontes e a produção acadêmica. In.: BUSETTO, Áureo(org.). **História plugada e antenada: estudos históricos sobre mídias eletrônicas no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017, p. 137-154.

SOUSA JUNIOR, Walter de. **O jornal das oito: noticiário e melodrama no Jornal Nacional**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SOUZA, Rose Mara Vidal de. Democracia e propaganda política na televisão brasileira. In: MELLO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina

(org.). **Televisão na América Latina (1950-2010)**: pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Unesco/ Metodista, 2011. p. 373-384.

TONIAZZO, Gladis Salete Linhares. **Caminhos da informação na Rede Matogrossense de Televisão**. Campo Grande: Editora Uniderp, 2007.

TOSTES, Octavio. **A cor do milagre**: o advento da TV em cores no Brasil do regime militar. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TRAVANCAS, Isabel. **Juventude e televisão**: um estudo da recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas. Rio de Janeiro: FGV, 2007.